

Atualidade de *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, último livro de Leonardo Coimbra*

Ângelo Alves**

1. O livro e a produção filosófica do autor

É uma feliz coincidência que este VII volume da edição crítica das *Obras Completas* de Leonardo Coimbra, contendo o último livro do autor, tenha vindo a lume no ano do centenário da publicação do seu primeiro livro. O último é *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, impresso no Porto para a Livraria Tavares Martins em 1935, tendo a 4.ª edição neste VII vol. das *Obras Completas*, agora apresentado (apenas acompanhado pelo *Prefácio* ao opúsculo de Luís Guedes de Oliveira intitulado *Sentido e Valor Poético da Obra de Camões*). O primeiro é *O Criacionismo. Esboço de um sistema filosófico*, impresso no Porto para a Renascença Portuguesa, em 1912, com a 4.ª edição no I vol., tomo II das *Obras Completas*, para a INCM-UCP, em 2004.

* Apresentação do VII volume da edição crítica das *Obras Completas* de Leonardo Coimbra. Porto, Livraria da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 11 de dezembro de 2012.

** Professor associado jubilado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

São os dois livros mais volumosos, dos dezoito que Leonardo Coimbra publicou, com vantagem para o último; pois, nesta 4.^a edição, e com o mesmo formato, o último tem 388 páginas e o primeiro, 378. Segue-lhes *A Razão Experimental* (Renascença Portuguesa, Porto, 1923 – O. C., vol. V, t. II, Lisboa, 2009), com 298 páginas.

Podemos dizer que o primeiro e o último livro são pontos cimeiros da sua produção filosófica, aqueles que revelam e condensam as fases da evolução do seu pensamento. O primeiro culmina a transição do anarquismo romântico para o idealismo criacionista (1906-1912); o último culmina a transição do idealismo criacionista (1912-1923) para o ideorrealismo aristotélico-tomista (1923-1935).

Enquanto o primeiro livro significa a tentativa de construir um sistema filosófico original, dentro do contexto português e europeu (Leonardo tinha então 28 anos); no último (aos 52 anos), vemo-lo encarar, com profundidade e amplitude, o fenómeno histórico e civilizacional mais candente da Europa e do mundo ocidental no século XX, que foi a eclosão, desenvolvimento e consolidação do bolchevismo, na Rússia, como regime político-social, identificado com o Estado. Ele faz aí a sua avaliação crítica à luz do humanismo cristão, implicando uma antropologia metafísica, uma filosofia da história, ambas de recorte aristotélico-tomista, e a teologia cristã.

É uma obra de filosofia, de história, de teoria económica e social, de apologética cristã?

Pode dizer-se que implica todas estas ciências, enquanto hermenêutica de uma realidade social complexa. Mas ultrapassa-as, enquanto sabedoria de um intelectual amplamente culto, que engloba todos estes saberes numa orientação humanista, promovendo opções para salvaguardar os valores humanos e uma civilização progressiva, aberta ao futuro.

Que não é obra de apologética, afirma-o ele próprio, ao descrever, em profundidade antropológica e beleza literária, a essência do humanismo cristão: "Não queremos fazer apologética; apenas apresentar objectivamente as diferentes atitudes universalistas do homem" (O.C., vol. VII, p. 66).

Será que teve de abandonar as suas próprias doutrinas, o seu idealismo sintético e dialético, ou criacionista, o seu socialismo cósmico monádico e panenteísta, persistente até 1923?

Mais que abandonar ou renegar, teve antes de completar e desenvolver alguns pressupostos que estavam ocultos ou implícitos, dissolvendo assim alguma incoerência final; teve de transmutar, ou mudar indo além, para encontrar um mais estável equilíbrio de valores humanos e metafísicos, o que, aliás lhe permitia o carácter dialético do seu sistema, aberto à liberdade e ao Amor Infinito, ou Deus pessoal.

Por isso, o último livro, o décimo oitavo livro, que publicou, é uma verdadeira suma do seu pensamento e da sua experiência de vida; a confluência do seu saber científico, filosófico e teológico; a expressão da sua arte literária e retórica, do seu percurso existencial e profissional de professor, político e orador, chegado aos 52 anos, intensamente vividos na ação pedagógica, cultural e política, sempre com sentido de missão espiritualizante e patriótica, a nível pessoal e da universalidade humana.

É um fruto bem amadurecido com seiva de múltiplas raízes: a cultura científica académica na Universidade de Coimbra e na Academia Politécnica do Porto; o idealismo libertário e a militância política e social no tempo de estudante; o neocriticismo e a filosofia da liberdade, no aprofundamento do seu idealismo e na elaboração do seu sistema criacionista; a militância cultural no movimento da Renascença Portuguesa, após a implantação da República; o estudo da filosofia e da história do Cristianismo, reconhecido como fator indeclinável da civilização europeia; o afastamento gradual da ação política partidária, por desencanto, depois de 1925; e a aproximação e aprofundamento das fontes do Cristianismo e da metafísica cristã, até 1935.

Este livro – *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* – é, pois, a foz a que chega a torrente, por vezes impetuosa e polémica, do seu juvenil idealismo, matizado sucessivamente de libertário, criacionista e realista, desembocando no mar misterioso da Fé e da Teologia católica, a exigir entrega intelectual, afetiva e voluntária, e exprimindo-se socialmente pela reintegração na Comunidade Católica, que para ele aconteceu poucos meses depois da sua publicação. Podemos dizer, portanto, que é a totalização de uma vida intelectual e moral, intensamente devotada à inquirição do mistério do Ser, à busca da Verdade e do sentido da existência, existência para ele interrompida abruptamente por um desastre de automóvel e pela morte que se lhe seguiu, a 2 de janeiro de 1936, transformando este último livro em verdadeiro testamento intelectual e espiritual.

2. Divisão e conteúdo do livro

A divisão do livro em duas partes está claramente indiciada no título, só que em ordem inversa. *A Rússia de Hoje* ocupa a segunda parte, como objeto de descrição histórico-sociológica e de avaliação crítica; *O Homem de Sempre* ocupa a primeira, como critério universal e intemporal da avaliação, identificado com o humanismo cristão, o único, que, na história da filosofia e da civilização europeia, tem em conta o Homem concreto e integral, como ser natural, espiritual e histórico.

Na primeira parte são descritas as várias formas de humanismo, ou seja, as diferentes formas da luta do Homem com o destino, verificadas e dominantes, sucessivamente, na história do Ocidente: o humanismo idealista grego, na Antiguidade Clássica; o humanismo cristão, na Idade Média; o humanismo antropolátrico, na Idade Moderna; e o humanismo exaustivo, ou niilista, na Idade Contemporânea. Este último, extremo paroxístico do anterior, foi assumido como ideologia pelo bolchevismo, revolucionariamente implantado na Rússia, desde 1917.

Na perspectiva bíblico-cristã, a história da Humanidade é considerada história da Salvação, desenvolvendo-se segundo o plano divino de redenção do Homem e restauração final do Universo. Por isso, o idealismo realista grego, ou humanismo idealista, é visto por Leonardo, como preparação do humanismo cristão; o idealismo moderno, ou humanismo antropolátrico, posterior ao humanismo cristão, é visto como degenerescência deste, tornando-se autossuficiente, mesmo idolátrico do próprio Homem, que tende a substituir-se a Deus. O humanismo exaustivo ou niilista é o resultado extremo desta tendência idolátrica, levando a consequências catastróficas, do ponto de vista humano e civilizacional, como prova a experiência do bolchevismo na Rússia contemporânea.

Na segunda parte, mais factual, histórica e sociológica, procura dar a explicação do surgimento do bolchevismo na Rússia, o primeiro país comunista, através das condições e causas que o facilitaram.

Para este efeito, apresenta a perspectiva histórica da formação deste país e da sua consciência nacional, desde a Rússia de Kiev até à Rússia petroviânica, descrevendo as perturbações e as reformas religiosas que se sucederam nestas fases. Depois, destaca a singularidade da sua vida espiritual, determinada fundamentalmente pela vida religiosa, sob a égide da Igreja ortodoxa, desde a cristianização no século IX, na dependência de Constantinopla, até ao cisma, ou separação da Igreja de Roma, consumada no século XI e inalterada até aos nossos dias. As seitas tiveram, durante muitos períodos, uma influência enorme na evolução do cristianismo russo, devido às omissões da Igreja ortodoxa, mais voltada para o misticismo e fausto litúrgico, alheando-se da doutrinação e da disciplina, bem como da ação social e educacional.

Segue-se a definição caracterológica do povo russo, tal como aparece na sua literatura contemporânea, tendo em conta os escritores mais interessantes e antroposóficos de índole religiosa. Destaca dois: Rosanov e Dostoiévsky, mas sobretudo este, tido como genial e Profeta da Revolução Russa. Neles descobre e refuta erros filosóficos e heresias cristãs, como o docetismo, o calvinismo, o pelagianismo, o maniqueísmo, sempre em frases lapidares, sem longas argumentações, como é do seu estilo.

3. Avaliação profética e autocrítica para o nosso tempo

O último capítulo é intitulado *O Bolchevismo*, verdadeiro “leit-motiv” de todo o livro. É o mais extenso, descrevendo os fundamentos ideológicos do movimento marxista na Europa e na Rússia, a vitória da maioria – os bolcheviques – no partido marxista da Rússia, conduzida por Lenine, em 1903; a passagem à ação revolucionária até à conquista do poder estatal, em 1917; e a transformação em partido único, o primeiro partido comunista da Europa e do mundo, tendo como fim a implantação universal do comunismo.

Seguidamente mostra pormenorizadamente, com textos e casos sintomáticos tirados da literatura da época, as consequências catastróficas para o povo russo, do ponto de vista humano, social, familiar e moral.

Finalmente, faz uma avaliação crítica de todo o sistema em evolução, até à década de trinta, e conclui que os resultados da experiência feita eram já suficientes para comprovar os erros ideológicos e pretensamente científicos, contrários à verdade do Ser, do Homem e de Deus.

Leonardo, guiado pelos princípios básicos do humanismo cristão, dos quais nunca se separou, foi profeta daquilo que viria a acontecer nos nossos dias: a implosão do comunismo, com a queda do muro de Berlim, em 1989, a introdução das liberdades democráticas na Rússia, o desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, com a independência dos países da Europa submetidos ao Império moscovita, após a Segunda Guerra Mundial.

Leonardo parece prevê-lo já em 1920, num artigo intitulado *A Crise Social*, tendo por subtítulo *O Bolchevismo*. Salienta o impasse ou antinomia a que chegaram as sociedades modernas, quanto à interpretação da categoria e valor social do trabalho, divididas entre o respeito do individualismo e as críticas às contradições do liberalismo económico, reveladas na injusta distribuição da riqueza e do trabalho. Considera que a Revolução Russa foi “a audácia duma Acção fremente das esperanças criadoras dos novos valores e das formas sociais, movida pelas aspirações humanitárias”.

E adverte: “Os russos são invencíveis do Exterior; só a descrença, dissolvendo os imperativos da consciência bolchevista, poderá trazê-los à Crítica, que da Revolução só estabilize o que é fundamente justo e humano, no sentido amplo do termo. Os russos crentes, diante da Europa céptica, sabem e podem opor-se-lhe e é bom que a política europeia assim o entenda” (*O.C.*, vol. V, p. 95).

E confirmou esta previsão em artigo de 1921, com o mesmo título – *A Crise Social* e o subtítulo: *O Bolchevismo, as Categorias Colectivas ou os Valores. A ciência, a arte, a religião nas transformações sociais* –, em que

propõe um entendimento para resolver a crise *bolchevista*, em que todos nos debatemos, porquanto bolchevismo é uma doença social de todo o mundo, não apenas da Rússia. Surge do conflito não resolvido, a respeito da categoria social do Trabalho, entre individualismo e autoritarismo, valorizando apenas, ora o trabalho-invenção, ora o trabalho-repetição (o primeiro, na classe burguesa e o segundo, na classe proletária). A solução está na categoria genérica do trabalho, em que os extremos se encontram, e a que todos se subordinam em acordo, tendo, de resto, como modelo o trabalho intelectual, científico e artístico, em que é patente a cooperação social e a liberdade original do criador, ou o ideal da liberdade solidária. Assim, a solução da crise está na democracia solidarista:

"As acções e reacções que fazem a curva complexa do progresso, bem menos evidente do que supõem os simples, podem fazer flutuar a humanidade entre extremos de individualismo e autoritarismo; mas o seu caminho, se a Razão helénica, reacendida na Renascença, se não apaga num turbilhão de loucura regressiva, será com efeito, a ampla Democracia solidarista onde o pesado instrumentalismo do progresso material seja soerguido pela força interior dum espiritualismo profundo, que é a própria vida da Razão, crescendo em luz intelectual e melhor amor dos homens e de Deus" (*O.C.* vol. IV, p. 217).

No último livro, em 1935, enfrenta o bolchevismo na Rússia, quando estava no auge do seu domínio e encetava a expansão orgânica pela Europa e por todo o mundo, a caminho do comunismo universal. E faz a mesma previsão, justificando-a mais ampla e profundamente, à luz do Homem de Sempre, ou do Humanismo cristão. Vejamos algumas citações:

1. O homem definido fenomenologicamente:

"O homem parece um ser dado em natureza, para que se reencontre e possua em consciência e liberdade" (*O.C.*, vol. VII, p. 26);

A definição do homem no humanismo cristão:

"O homem foi criado em natureza para se fazer em liberdade" (*O.C.*, vol. VII, p. 41).

2. O comunismo e a dimensão metafísica do homem:

"Como simples Mito de progresso e felicidade, é o comunismo em pleno desacordo com todos os outros processos sociais, visto que pretende amputar o homem da sua mais íntima realidade: a capacidade de infinito, em vazio e aspiração da metafísica, em plena e firme esperança, pela Fé e com a graça" (*O.C.*, vol. VII, p. 384).

3. O comunismo ateu e a impossível negação da realidade de Deus:
"O ateísmo autêntico – de obstinada negação por imposição da vontade, porque a inteligência, faculdade do ser, não pode afirmar o não-ser (1) – filho do cientismo, é ao mesmo tempo um absolutismo do ser da apresentação material: a negação de Deus pela afirmação da suficiência do Mundo, de que afinal é a única consciência o Homem".
Em nota 1: "Só pode negar o que fosse o ser apreendido ou demonstrado: negar a negação" (*O.C.*, vol. VII, p. 335).
4. O comunismo e o homem real, no último parágrafo:
"Manicómio da unanimidade, zoologismo do rebanho unânime, engordado e feliz, são pontos extremos, onde o Inferno dantesco poderá viver, mas onde o homem real, o homem ontológico, não pode estabelecer definitivamente a sua morada" (*O.C.*, vol. VIII, p. 388).
5. Uma avaliação crítica compreensiva e justa, renunciando o que havia de ser explanado pelo Concílio Vaticano II:
"Um ateu pode ser o homem que nega o deus que lhe deram, em nome de exigências do Deus oculto, que, nele, reclama melhor amor, maior justiça e mais luminosa verdade" (*O.C.*, vol. VII, p. 332);
"No socialismo pode haver uma vontade de justiça e um amor de caridade, que são evidentes promoções do cristianismo" (*O.C.*, vol. VII, p. 333);
"Sob este ponto de vista, o comunismo russo é, como viu Berdiaeff, um juízo e condenação do farisaísmo e falências dos homens mal chamados religiosos.
Uma falência do cristianismo dos homens, nunca do cristianismo de Cristo. Esta propulsão comunista é, pois, uma justiça errando o caminho, enraivecida – mas, no fundo, a justiça dum projecto contra o paganismo descartável e amoral das sociedades mal chamadas cristãs" (*O.C.*, vol. VII, p. 387).

Não é necessário observar quão oportunas se nos apresentam estas reflexões, na atualidade, se pudessem ser atendidas pela nossa elite intelectual; e como seriam úteis para iluminar a saída da crise global em que mergulhou o nosso país e a Europa.